

# **Caminhos e desvios teóricos e práticos: breve apresentação do dossiê *Comunicação e Estudos Culturais***

## *Theoretical and practical paths and deviations: a brief presentation of the dossier: Communication and Cultural Studies*

Em um momento inicial, ao focarmos alguns dos desdobramentos dos Estudos Culturais no campo da Comunicação, tivemos a pretensão de fazer uma ampla leitura em torno de algumas questões tradicionalmente abordadas por essa linha teórica em trabalhos de pesquisadores brasileiros.

Na chamada inicial que deu origem ao dossiê *Comunicação e Estudos Culturais*, que ora apresentamos na Revista *Parágrafo*, traçamos alguns objetivos. O primeiro seria verificar a recepção de determinados autores e obras consagradas dos Estudos Culturais na Comunicação brasileira, tais como Raymond

Williams, Edward Thompson, Gayatri Spivak e Stuart Hall.

Também queríamos averiguar o uso de alguns conceitos firmados pelos Estudos Culturais – e.g. “estrutura de sentimento”, “leitura preferencial” – na análise de produtos e de processos midiáticos, além de algumas discussões, questões e enfoques retomados pelos Estudos Culturais como, por exemplo, hegemonia e contra-hegemonia, raça e etnicidade, gênero e sexualidade e juventude.

Ainda, planejamos receber textos que percebessem o circuito produção-consumo do mesmo modo orgânico e integrado conferido pelos Estudos Culturais para, finalmente, elaborarmos um breve panorama do estado da arte na relação entre os Estudos Culturais e a Comunicação no Brasil.

É com muita alegria que anunciamos nosso dossiê *Comunicação e Estudos Culturais*! Com a contribuição de várias/os colegas pesquisadoras/es, cumprimos com muita satisfação nossos esforços iniciais.

O artigo *A contribuição do Materialismo Cultural de Raymond Williams aos estudos de cinema*, de Pedro Guimarães e Luiz Felipe Baute, abre o dossiê trazendo uma revisão da teoria elaborada pelo autor galês. Guimarães e Baute retomam a formação dos Estudos Culturais, a centralidade de Williams e de sua produção intelectual (ao lado de estudiosos como Richard Hoggart e

Thompson) na formação desta disciplina que se estabeleceu nos anos 1950 e 1960, quando propôs uma nova abordagem sobre a cultura.

Os autores marcam o lugar de destaque de Williams nos estudos de crítica cultural, pontuando o caráter interdisciplinar de sua obra, e apresentam uma leitura da relação entre a arte e a sociedade à luz do Materialismo Cultural. Este percurso permite não apenas contextualizar historicamente o campo e a fundação do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham (CCCS), mas, sobretudo, justificar a pertinência da teoria do Materialismo Cultural como metodologia de análise das formas cinematográficas. Guimarães e Baute defendem que, a despeito do reconhecimento dos estudos de Williams sobre os meios de comunicação – notadamente, seus apontamentos sobre a televisão e a publicidade – suas contribuições aos estudos de cinema ainda são pouco discutidas.

Assim, sintetizando o Materialismo Cultural como uma proposta teórico-metodológica que percebe as manifestações culturais como parte das relações entre economia, política e sociedade, Guimarães e Baute, também em diálogo com outros autores, analisam diversos textos e documentos do Richard Burton Archives que exemplificam a atenção dada por Williams ao cinema, com

ênfase particular ao estudo dos gêneros cinematográficos. O artigo nos apresenta um método de análise que se mostra valioso para os pesquisadores de cinema.

Em seguida, no artigo *A revisão da noção de pânico moral nos Estudos Culturais: hegemonia, cultura midiática e representação*, Igor Sacramento e Allan Santos partem do estudo de Stanley Cohen (1972), *Folk devils and moral panics: the creation of the mods and rockers*, para revisitar o conceito de pânico moral no campo dos Estudos Culturais. Os autores combinam os estudos sociológicos com os de Comunicação para pensar a construção do desvio e a suas relações com a mídia. O trabalho de Cohen aborda os *mods* e os *rockers*, grupos sociais compostos por jovens britânicos que foram demonizados e representados como ameaças aos valores tradicionais da sociedade, dando margem a um discurso social punitivista por parte de grupos conservadores.

Assim como Guimarães e Baute, Sacramento e Santos, ao se debruçarem sobre os aspectos midiáticos, apresentam uma revisão teórica associada aos Estudos Culturais, delineando dois caminhos. Em um primeiro movimento, o artigo revisa a apropriação do conceito de hegemonia de Gramsci ao paradigma de pânico moral, retomando o CCCS e autores como Hall. O movimento seguinte, embasado em revisões

bibliográficas mais contemporâneas, destaca a multimidialidade e as tecnologias digitais na construção do pânico moral, defendendo que elas passam a conferir aos grupos sociais demonizados a capacidade de contra-atacar a cultura dominante, bem como suas tentativas de controle dos corpos e condutas que são representadas como desvios à norma.

Em suas conclusões, Sacramento e Santos comprovam a pertinência de sua análise teórico-metodológica na materialidade de nossa vida cotidiana. Exemplos recentes de censura a manifestações culturais LGBTQI+, como o *Queermuseu*, a performance *La Bête* no MAM e a determinação do prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella para que *Vingadores, a cruzadas das crianças* – romance gráfico da Marvel que mostrava um beijo gay em suas páginas – fosse tirada de circulação na Bienal do Livro em 2019, entre outras, são indicativas de uma tentativa de desenvolvimento de um pânico moral e da demonização da população LGBTQI+.

O artigo *Ansiedade e afeto como categorias-chave em narrativas literárias e midiáticas infanto-juvenis contemporâneas: uma abordagem a partir dos Estudos Culturais*, de Ana Enne e Victória Procópio, analisa de que formas afeto e ansiedade mostram-se como categorias fundamentais para compreender as dinâmicas culturais no público infanto-juvenil. Ao situarem seu artigo

em algumas obras literárias que alcançaram muito sucesso junto a esse público nas últimas décadas, as autoras realizam uma abordagem minuciosa de suas narrativas e de seus personagens para compreendê-los como sintomas de uma cultura juvenil pulsante e em constante transformação.

Partindo do pressuposto de que a leitura é uma capacidade ativa e projetada no coletivo, Enne e Procópio inferem que essas obras literárias estão inseridas em um circuito midiático mais vasto caracterizado pela convergência nas recepções individuais e coletivas. Sem perderem de vista o fato de que essas obras destinam-se prioritariamente a um público jovem branco e de classe média, valem-se de uma refinada discussão sobre cultura das mídias, mobilizando autores clássicos como Simmel, Ricoeur, Jenkins e Martín-Barbero.

As autoras conseguem deixar nas/os leitoras/es uma curiosidade quanto aos desdobramentos dessa ambiciosa pesquisa sobre a relação entre os formatos privilegiados nessa cultura midiática e a recepção junto ao público infanto-juvenil. Pata tanto, apontam a necessidade de se debruçar sobre novos agentes que entram nesses circuitos de leitura como blogueiros e *youtubers*.

Por sua vez, o artigo *Os integrados e os outsiders da aparência: o “belo” e o “feio” em tempos de “culto ao corpo”*, de Bruno

Thebaldi, insere-se em um horizonte semelhante ao de Enne e Procópio, mas com um foco diferente. Debruçando-se sobre a cultura juvenil contemporânea, o autor analisa o fenômeno do “culto ao corpo” e seus efeitos midiáticos. Thebaldi aborda as consequências da pós-modernidade na conformação das subjetividades e nas relações com o corpo.

O autor narra a busca incessante por procedimentos estéticos, situando-a historicamente em relação a outros momentos da modernidade para, em seguida, avaliar que, na era do capitalismo financeiro, o culto à beleza e à força física vem resignificando as relações sociais e valorizando determinados bens materiais e simbólicos, muitas vezes em sacrifício da saúde física e mental de tantos sujeitos. Nessa linha, Thebaldi também aborda os movimentos críticos aos excessos do “culto ao corpo”.

Em suma, o artigo de Thebaldi instiga-nos a repensar algumas das estratégias de um ‘neodarwinismo social’ difuso que, mostrando sua face mais cruel, elege certas personalidades em detrimento de milhões de sujeitos sem capitais econômicos e simbólicos para se posicionarem nesse jogo.

Já o artigo “*Ela é como se fosse da família*”: analisando as representações entre patroas e empregadas domésticas no programa *Esquenta!*, de Marina Caminha e Ohana Boy Oliveira, analisa alguns dos

encontros e muitos dos desencontros entre as noções de representação e de representatividade. Retomando uma questão cara aos Estudos Culturais – as intersecções entre raça, classe e gênero no plano da representação –, as autoras questionam os modos de visibilidade de sujeitos subalternizados na mídia hegemônica.

Selecionando um episódio do programa *Esquenta!* que abordou a relação entre empregadas domésticas e patroas no Brasil, Caminha e Oliveira perceberam como alguns aspectos técnicos do programa – formato das entrevistas, controle no tempo da exposição dos entrevistados e sobretudo a edição – ajudaram a reforçar a posição de subalternidade dessas empregadas. As autoras situam que isso ocorreu à revelia da própria proposta do programa em “dar voz” a sujeitos periféricos, na tentativa de conferir representatividade a eles.

Como alerta, Caminha e Oliveira recordam que um percurso crítico à mídia corporativa não pode prescindir da análise do par representação/representatividade, se quiser abordar o enquadramento desses sujeitos nos programas veiculados por ela. As autoras sublinham que a dissociação no plano analítico entre a presença desses sujeitos e os modos pelos quais suas trajetórias são resignificadas pela mídia hegemônica pode conduzir à naturalização de hierarquias sociais

historicamente reforçadas e à legitimação do olhar colonizador.

Debruçando-se sobre um problema social crônico e bastante delicado, o artigo *Trace the Rapists: entre as imagens violentas e a violência das imagens*, de Flora Daemon, aborda a campanha conduzida pela ativista indiana Sunitha Krishnan de denúncia dos estupros coletivos de mulheres na Índia e o consumo massivo de vídeos desses atos no site *YouTube*. De acordo com a autora, a finalidade da campanha era incentivar a denúncia dos estupradores registrados nesses vídeos e sensibilizar autoridades e a mídia corporativa a respeito da questão.

Assim como Caminha e Oliveira, Daemon também discute o conceito de representação, dessa vez para situar a dominação masculina na Índia e as possibilidades de subvertê-la dentro de uma sociedade profundamente hierarquizada por castas e por gênero. Destacando o silenciamento imposto às mulheres após o estupro e a veiculação massiva de seus rostos e corpos através dos vídeos, a autora sublinha algumas conquistas e impasses na campanha empreendida por Krishnan.

Daemon aponta alguns limites em campanhas que objetivam o constrangimento público de agressores na ordem patriarcal, principalmente o fato de muitos homens não se verem tolhidos pelos mecanismos de

vigilância. Muitas vezes, ocorre justamente o oposto: a reafirmação da performance do ato extremamente humilhante à mulher para outros homens visando à reiteração de uma autoimagem violenta e cruel.

No artigo *Imagem que afeta e resiste: questões sobre cultura visual e alteridade*, Patrícia Azambuja nos questiona sobre as imagens que povoam nosso imaginário e orientam nossas relações com o mundo. A priori, Azambuja apresenta uma revisão bibliográfica no âmbito dos Estudos Culturais, mas seu artigo tem como traço o diálogo com autores diversos, como Hall, Foucault, Deleuze, Bourdieu, Benjamin, Rancière, Santaella, Metz, Aumont e Žižek.

Ela mobiliza ideias desses pensadores para propor uma análise de *Pantera Negra* (*Black Panther*, EUA, 2018) que avança além das abordagens que se dividiram entre a defesa da importância de um filme de super-herói com protagonismo negro para que certos grupos sociais pudessem, enfim, sentir-se representados dentro desse universo cultural, e os que avaliaram o filme apenas como um oportunismo da indústria hollywoodiana para alcançar novos nichos de mercado. O artigo infere sobre hegemonia, relações de poder e instâncias de visibilidades.

Azambuja comenta aspectos narrativos de *Pantera Negra* que afirmam ou que confrontam o status quo do gênero e da

produção cinematográfica dominante. Analisando o filme à luz da já citada revisão bibliográfica, ela evita em sua metodologia de análise se ater aos aspectos estéticos, ou mesmo ao conteúdo da obra, voltando seu interesse para a cultura audiovisual: os imaginários que articula, a construção de discursos e de identidades, bem como as tensões nos sistemas de representação e a capacidade do audiovisual de desestabilizar paradigmas.

Além dos textos submetidos à revista, optamos por traduzir o artigo *Cinema Pós-Apartheid: Políticas, Estruturas, Temas e Novas Estéticas*, de Martin Botha, publicado na coletânea *Marginal Lives and Painful Pasts: South African Cinema After Apartheid* em 2007. Destacamos que se trata de um texto e de um autor inéditos em português, na tradução realizada por Jocimar Dias Jr.

Sendo o primeiro capítulo de uma coletânea de 14 artigos sobre o cinema sul-africano no pós-Apartheid editada pelo próprio Botha, o autor situa a então nova fase do cinema em seu país dentro de uma ampla contextualização histórica, na qual retoma os primórdios do cinema na África do Sul, o domínio dos filmes em língua inglesa até os anos 1940 e o nacionalismo africâner predominante no cinema até a queda do Apartheid.

Contendo informações valiosas a leitoras/es interessadas/os em cinematografias *off-Hollywood*, o texto intercala análise e um tom pessoal de quem presenciou institucionalmente – como pesquisador, professor, membro de comissões e crítico atuante em publicações e festivais de cinema – as mudanças nesse cinema sul-africano. Botha apresenta-se como um observador participante e bastante arguto da história narrada para recuperar alguns realizadores pioneiros de um cinema autoral e marcadamente político em seu país, contra uma indústria hegemônica nacionalista e racista.

Nesses filmes à margem dos circuitos oficiais e privilegiados do cinema sul-africano durante o Apartheid, Botha identifica alguns traços que seriam posteriormente retomados por outros realizadores do cinema após o fim do regime. O autor pondera que grupos contrários ao Apartheid – prioritariamente estudantes universitários brancos e trabalhadores negros – começaram a realizar filmes sobre relações raciais, memórias de luta e de resistência ao regime racista, alguns episódios traumáticos de repressão às vozes dissonantes, além das condições precárias de vida de boa parte da população no país durante os anos 1980.

Finalmente, a respeito do novo cinema sul-africano, Botha destaca a emergência de realizadores ligados a grupos anteriormente

marginalizados – não somente diretores negros, como também mulheres e LGBTQI+ –, que passaram a ter financiamento estatal para produzir seus filmes. Diante dessa nova realidade, alguns efeitos apontados pelo autor foram a diversificação dos temas abordados nos filmes, o confronto entre o passado e o presente da África do Sul e uma maior experimentação com a linguagem cinematográfica.

Encerrando essa edição, o artigo *Estilo e autoria no Vídeo-Ensaio: um voo rasante sobre o canal Every Frame a Painting*, de Denize Araujo e Luiz Gustavo Vilela Teixeira, lança um olhar sobre os vídeo-ensaios, formato que renova o cinema a partir das tecnologias digitais. Decompondo conceitualmente o vídeo e o ensaio, a autoria e o estilo – estas, noções bastante associadas à mise en scène cinematográfica ao longo da história do audiovisual –, Araujo e Teixeira analisam o canal do *YouTube Every Frame a Painting*, diferenciando-o de outros canais semelhantes e destacando suas formas de pensamento próprias. Assim, Araujo e Teixeira avaliam traços autorais no formato vídeo-ensaio.

Os autores compreendem haver uma rearticulação das imagens a partir do vídeo, como se elas pensassem a si próprias, segundo articula Philippe Dubois. Ao mesmo tempo, eles apontam a recente profusão de canais no *YouTube*, favorecidos pela popularização dos

softwares de edição. A oposição entre o cinema clássico e o moderno, com base em autores como Dubois e Bordwell, é sistematizada para pensar o vídeo e a forma do vídeo-ensaio, assim como a retomada da política dos autores francesa e do pensamento sobre a mise en scène embasam as elucubrações sobre estilo e autoria – a construção da mise en scène é também o tema dos vídeo-ensaios de *Every Frame a Painting*.

Embora não integre o dossiê *Comunicação e Estudos Culturais*, o artigo escrito por Araujo e Teixeira tem uma abordagem original em torno de um tema atual e relevante, contribuindo para o campo dos estudos da Comunicação. Por isto, foi escolhido para compor essa edição.

Boa leitura a todas/os!

**Coordenadores do dossiê  
*Comunicação e Estudos  
Culturais:***

**Isabella Goulart**  
FMU | FIAM-FAAM

**Pedro Lapera**  
PPGCINE/UFF e FBN/MTur